

## **Ameríndia Midiatizada: Algumas Reflexões Teóricas Sobre Configurações de Identidades Étnicas Históricas e suas Relações Com os Usos Sociais das Mídias<sup>1</sup>**

Carmem Rejane Antunes PEREIRA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis - SC

### **RESUMO**

O objetivo do texto é apresentar algumas reflexões teóricas sobre configurações de identidárias, considerando a expansão das mídias como um fenômeno planetário que amplia os lugares de memória e afeta as identidades culturais em diversos contextos históricos. As reflexões integram um conjunto de questões relacionadas à pesquisa em que procuramos ampliar a compreensão sobre a inserção das mídias nas configurações das identidades ameríndias, agregando-a aos referenciais teóricos e metodológicos dos estudos de recepção midiática na perspectiva das mediações socioculturais e das matrizes culturais para investigar os usos dos meios e as apropriações de internautas indígenas.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidades ameríndias, interculturalidade, usos sociais e apropriações das mídias

### **1 Introdução**

No espaço deste texto procuramos trazer algumas reflexões teóricas sobre as configurações de identidades culturais, considerando a expansão das mídias como um fenômeno planetário que amplia os lugares de memória e afeta as identidades culturais em diversos contextos históricos. Tais reflexões têm como base questões trilhadas em nossa pesquisa de doutorado, as quais são retomadas em projeto de investigação atual, para pensar configurações identidárias ameríndias focalizando processos relacionados aos usos e apropriações de internautas indígenas, com ênfase na atuação de uma rede de mediações comunicacionais, sociais, culturais, políticas e de matrizes ancestrais e contemporâneas no âmbito desses processos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa Processocom /UNISINOS - Pós-Doutoranda no PPGICH -UFSC, e-mail: [carmemrs@uol.com.br](mailto:carmemrs@uol.com.br).

Nessa perspectiva, é importante assinalar as contribuições de autores<sup>3</sup> que possibilitam pensar as relações entre a expansão das mídias e os processos de dinamização das identidades, seja para construir, organizar, visibilizar ou legitimar diferenças e demandas do que vem sendo discutido como identidades/cidadãs nas contraditórias e ambíguas relações entre o local e o global. Segundo Martín-Barbero (2006), as novas figuras cidadãs que emergem nesse contexto remetem, por um lado, a políticas de reconhecimento, e por outro, as tensões e rupturas provocadas pela diversidade cultural frente às bases de uma cidadania institucionalizada. Nessa conjunção de processos, falar de identidades/cidadãs significa pensar em experiência e em direitos vinculados às diversas comunidades culturais, em possibilidades de encontro e de luta contra a exclusão social, política e cultural:

Na experiência de desenraizamento que vivem muitos de nossos povos, a meio caminho entre o universo rural e um mundo urbano cuja racionalidade econômica e informativa dissolve seus saberes e sua moral, desvaloriza sua memória e seus rituais, falar de reconhecimento implica um campo básico, duplo, de direitos a impulsionar; o direito à participação quanto à capacidade das comunidades e dos cidadãos à intervenção nas decisões que afetam seu viver, capacidade que se encontra hoje, estreitamente relacionada a uma informação veraz e na qual predomine o interesse comum sobre o do negócio; e segundo, o direito à expressão nas mídias de massa e comunitárias de todas aquelas culturas e sensibilidades majoritárias ou minoritárias, através das quais passa a ampla e rica diversidade da qual são feitos nossos países (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 67)

Um âmbito que entendemos relevante nesses processos é o que diz respeito à visibilidade das identidades ameríndias, considerando entre outros aspectos, o estabelecimento de canais de comunicação por parte de organizações indígenas através da internet, a sua participação em redes sociais, bem como as interações entre internautas<sup>4</sup> por meio do compartilhamento de textos/imagens que circulam no que denominamos momentaneamente de *redes sociais étnicas*. Tais redes são pensadas a partir da aglutinação de entidades como APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) da qual faz parte a ARPINSUL (Articulação dos Povos Indígenas do Sul do Brasil), que tem entre seus

---

<sup>3</sup> Ente eles Castells (2002), García-Canclini (1998; 2000), Martín-Barbero (2006).

<sup>4</sup> Utilizo o termo internauta para referir ao usuário receptor da web considerando a sua trajetória comunicacional como integrante de públicos diferenciados, já que “os públicos não nascem, mas se formam”, conforme a época em que são gerados (GARCÍA-CANCLINI, 2008). Entretanto, a historicidade dos públicos (PEREIRA, 2010) e por extensão a do sujeito comunicacional não se reduz a uma modalidade absoluta do meio, o que significa que o internauta receptor pode ser ao mesmo tempo, leitor, ouvinte e telespectador. Interessa-nos aqui, portanto, pensar a recepção em dimensão histórica, em que o sujeito comunicacional procura ser compreendido nas suas múltiplas relações com as mídias, as quais compõem um conjunto de mediações e matrizes culturais que serão importantes para pensar a emergência, consolidação ou transformações dos públicos.

membros representantes da etnia Kaingang, a qual foi focalizada em nossa pesquisa de doutorado.

Nas relações entre visibilidade social na internet e expressão de identidades cidadãs tem-se como pano de fundo um fenômeno que nos leva a pensar nas mudanças significativas em termos de projeção de imagem ameríndia, por assim dizer, já que, em bem menos de quarenta anos, os registros das culturas indígenas, na sua forma de reprodutibilidade técnica<sup>5</sup>, também passaram a ser realizados pelos próprios “índios”.

Nesse aspecto, materialmente, pode-se observar um conjunto de produções que incluem impressos, mas tem alcançado um ritmo crescente através de relatos, vídeos, CDs, fotografias que podem ser avaliados como documentos estratégicos ou arquivos de uma memória comunitária e também circular na Internet através de redes sociais ou sites<sup>6</sup>. Constatamos marcas desses usos em pesquisa anterior (PEREIRA, 2010), e em observações exploratórias atuais que possibilitam pensar em configurações específicas da identidade cultural, desde uma multiplicidade de mediações que imbricam a luta pela terra, afirmação étnica, entre outras<sup>7</sup>.

Outro aspecto da problemática leva a pensar tais configurações no âmbito do que vem sendo discutido como uma possível esfera pública interconectada, no que isto implica em visibilidade de demandas, intercâmbio entre os atores e compartilhamento de memória. Para isso, entretanto, também entendemos que é preciso considerar a emergência do movimento indígena - ainda pouco abordado pelos estudos de movimentos sociais no Brasil - no que este vem sendo entendido como protagonismo indígena, em suas várias manifestações, a partir de um processo de conscientização étnica, coletiva e política da luta social orientada contra as diversas formas de desrespeito à cultura e aos direitos dos povos originários (SANTOS BICALHO, 2010).

Desse modo, interessa investigar as configurações identitárias ameríndias, procurando observar a sua inserção/participação/intervenção no espaço público midiático e os modos pelos quais elas expressam a historicidade dos públicos. Isto é, o modo como essa ambiência afeta os modos de ver e de ler do sujeito e como os públicos na sua

---

<sup>5</sup> Estamos aqui fazendo uma distinção entre os registros antropológicos de grafismos em cestarias e pinturas corporais do início do século XX e a publicização de imagens mediante estratégias voltadas a fotos jornalísticas ou em divulgação das culturas em sites e redes sociais. Essas mudanças remetem de certa forma ao que Margaret Mead chamou de “viragem radical” e as reflexões de Walter Benjamin sobre os meios como transformações da percepção e das relações com o mundo.

<sup>6</sup> RENESSE (2011), em levantamento parcial realizado até julho de 2011, registrou 77 mídias eletrônicas com acesso público na web. Em levantamento realizado até julho de 2010, registrou 113 pontos de acesso à Internet em comunidades indígenas, no Brasil.

<sup>7</sup> Nesse caso referimos a construções midiáticas que tratam de eventos organizados por associações indígenas utilizando-se de estratégias de comunicação voltadas à promoção do etnodesenvolvimento.

dimensão coletiva acabam interagindo com essa ambiência, construída pelas mídias, através de narrativas comunicacionais que buscam promover a visibilidade indígena, frente a um contexto de relações interculturais assimétricas e aos processos de inclusões excludentes. Daí porque, ao investigar as identidades ameríndias também é preciso considerar o lugar que as mídias ocupam na disseminação dos discursos, fazendo circular uma gama de sentidos nem sempre reconhecidos pelo sujeito que interage nesse espaço como ator/fabricante<sup>8</sup> de outras versões da sua “negação histórica”<sup>9</sup>.

## 2 Interculturalidade e os contextos macro-sociais da recepção

A pesquisa de recepção em sua dimensão cultural crítica traz como desafio pensar a interculturalidade, abarcando fenômenos de sentido que apresentam múltiplas relações históricas. Nessa perspectiva, a identidade cultural, como objeto de investigação nos processos comunicacionais e midiáticos promove a recepção como espaço de construção de saberes fecundos sobre as complexas realidades geradas pelas dinâmicas socioculturais, bem como dos processos desencadeados pela globalização e pela midiaticização societária. Saberes que estão vinculados aos modos de ser dos públicos, isto é, sua historicidade, nas diversas formas como os meios de comunicação inserem-se na dinâmica cultural das majorias, seja transformando sensibilidades, sociabilidades ou construindo imaginários e identidades.

Mattelart (2004) ajuda a pensar esses desafios ao defender uma melhor consideração da cultura na chamada “era global”, quando chama atenção para a necessidade de articular pequenos objetos a grandes desafios da nossa época, tais como os territórios e as diásporas. Nesse sentido, a pesquisa de recepção pode contribuir para o conhecimento de culturas contemporâneas, considerando as pertencas comunitárias nas condições, demandas e *expressões* dos grupos e povos como modos de participação e intervenção nas esferas que

---

<sup>8</sup> Essa aglutinação remete à noção de atores em Castells (2002) abordando o surgimento de identidades de resistência ou de projeto em que a etnia aparece como “um ingrediente essencial tanto de opressão como de libertação”, mas não exclusivo, de movimentos que conjuntam outras identidades comunais. Ao mesmo tempo remete à noção de praticantes (CERTEAU, 2004), nos modos de criar redes de *antidisciplina* em que a experiência cultural não estaria despregada da história.

<sup>9</sup> Atentar para esses sentidos implica pensar a palavra, no vasto corpo da linguagem (BOSI, 1992), considerando a concepção da *dialogicidade* oferecida por Bakhtin (1997) pela qual ela incorpora, e é incorporada, pelo social, fazendo da palavra, na expressão ampla do termo, uma arena das tensões da vida social. Também servirá para pensá-la, como produto simbólico que distingue a criação humana, mas também das distinções entre os homens, identificando poderes específicos de construção da realidade, confirmando ou transformando visões de mundo (BOURDIEU, 2004). Ainda como expressão de formas comunicacionais oriundas de culturas, lógicas ou racionalidades que foram hierarquizadas como conhecimento ao longo da modernidade (FORD, 1999).

afetam o seu viver. Demandas que remetem tanto a maiores pobres e minorias étnicas do que temos pensado como diversidade cultural na América Latina.

Para o autor, a análise cultural permanece uma prioridade num mundo material e simbólico que esboça a fragmentação societária oriunda dos *desenraízamentos* no mundo do trabalho, das quebras de compromissos entre as gerações e da apologia do individualismo, não somente no sentido clássico da possessão, mas da destituição da solidariedade e das utopias. Um mundo que alicerça o xenofobismo e que os meios de comunicação tendem a reforçar, como recusa às relações cosmopolitas, engendradas pelos movimentos sociais, migratórios, étnicos e minoritários (MATTELART, 2004).

Nos desafios propostos pelo estudo da interculturalidade também comparece a problemática da memória para indagar a busca do tempo humano, quando o futuro se confunde com o tempo homogêneo e vazio da novidade. Busca que sugere uma “continuidade que não se confunde nem com a uniformização nem com a nostalgia, pois se trata do mínimo de horizonte histórico que torna possível o diálogo entre as gerações e a leitura/tradução entre tradições” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 72).

Dessa forma, as reflexões dos autores estimulam a pensar que a perversão das mídias, como “máquinas de produzir o presente”<sup>10</sup>, é concomitante com o uso alternativo das redes informáticas, o que vem reafirmar que as tecnologias não são neutras, pois elas condensam interesses econômicos e cristalizações políticas hegemônicas e, ao mesmo tempo, também constituem a difusão da pluralidade em espaços marginais que se contrapõem a uma ideia de homogeneização totalizadora. Pensar a interculturalidade no âmbito da inserção das mídias na vida social e cultural implica, assim, ultrapassar uma versão fragmentada do mundo que afasta as perspectivas macro-sociais, buscando compreender *desenraízamentos*, desigualdades, mestiçagens, diferenças e resistências como configurações do espaço geográfico cultural e como marcas de um *ethos* midiático em contextos socioculturais e históricos<sup>11</sup>.

### **3 Interculturalidade e os processos de conformação do *ethos* midiático**

---

<sup>10</sup> Martín-Barbero (2006, p. 71) utiliza essa expressão, a partir de Monguin (Uma memória sem História, 1994), para se referir a convergência temporal entre as notícias e o mercado, através da atualidade como valor para o funcionamento do sistema de produção.

<sup>11</sup> Nesse sentido consideramos as reflexões dialéticas de Maldonado (2005) sobre a necessidade e os desafios que têm as problemáticas comunicacionais em situar [...] o *ethos midiático* nos contextos socioculturais e históricos que definem o subcontinente na sua precariedade política e social, salientando paralelamente a riqueza cultural, teórica e histórica que oferece nossa complexidade paradoxal de arte, miséria, alegria, exploração e futuro (MALDONADO, 2005, p. 1).

As noções de mediatização e de cultura midiática contribuem na reflexão sobre a inserção da mídia na sociedade contemporânea, refletindo sobre sistemas, aparatos tecnológicos e produtos que conformam a produção simbólica das práticas culturais e dinamizam as relações societárias em diferentes e diversos contextos da existência humana. Essa dinamização corresponderia a uma nova forma de atuar, interagir e perceber o mundo, uma espécie de cultura planetária, atuando como uma matriz, em um vasto conjunto global, mas ainda em grande parte diversificado.

A conformação dessa cultura, embora apareça como uma realidade datada pela configuração dos processos globalizadores recentes tem suas matrizes no século XIX, com a expansão da imprensa moderna, chegando aos dias atuais como modeladora de um novo desenho das interações e de estruturação das práticas sociais, marcadas pela existência dos meios de comunicação como agentes relevantes no processo coletivo de produção de significados (MATA, 1999; VERÓN, 1999)

A noção de mediatização também implica pensar as mídias desde um campo social, nos seus atravessamentos, condicionamentos e tensões com outros campos (MALDONADO, 2002), e nos padrões de interação e valores que demarcam uma nova ambiência perceptiva e mental.

Em Sodré (2006) essa nova ambiência é pensada como um *ethos* específico, pelo qual os meios de comunicação, tradicionais ou novos, gerariam formas de vida a partir de códigos próprios e de sugestões de conduta. Conforme o autor, essa ambiência pode ser entendida como uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo e para referir-se à construção da realidade social, não somente na dimensão normativa, mas principalmente emocional e sensorial. Abrange a hegemonia da economia midiática, mas também os relacionamentos das tecnologias comunicacionais com o aparelho perceptivo dos indivíduos, provocando um novo sentido de habitar, “no nosso espaço humano de realização” (SODRÉ, 2006, p. 23-24).

O *ethos*, entretanto, nem sempre é concebido como realidade homogênea, problemática retomada por Maldonado (2005) ao refletir sobre o *ethos* simbólico latino-americano desde uma multiplicidade cultural, étnica e linguística que os historiadores oficiais tentaram ocultar por séculos. Essa diversidade atravessa as cosmovisões, as estruturas genéticas, as configurações estéticas, os modos e sistemas de vida social, as culturas e os processos comunicacionais, e por isso, reflete o autor: “não é possível realizar imersões frutíferas nas problemáticas comunicacionais contemporâneas sem considerar as

*formas e modos de vida ancestrais* misturados com as *formas e modos tecnomidiáticos* de vida atual” (MALDONADO, 2005, p. 3).

Seguindo essas reflexões é possível ponderar o *ethos* midiaticizado como uma ambiência comunicativa que vai se estruturando como movimento global e local em distintos espaços geográficos culturais. Nesse caminho, Ianni contribui para pensar as dinâmicas da globalização, onde as mídias exercem uma ação peculiar, porém regidas por lógicas econômicas, políticas e culturais que demarcam a nova configuração societária, em que existem novos e velhos padrões de acumulação, de exclusão e inclusão, conformados por novas de pensar, agir, sentir e fabular o mundo (IANNI, 2003). Pensar essa estruturação, dessa forma, leva a refletir em expansão e especificidades de uma ambiência comunicativa que produz outras sociabilidades e formas de conhecer o mundo e se reconhecer através das relações que os sujeitos vivenciam nas trocas culturais que estabelecem nas interações com as mídias.

A noção de midiaticização das sociedades implica, ainda, pensar um conjunto de mediações socialmente realizadas, entre as quais, aquelas que se referem a um tipo particular de interação e sugerem um potencial de transformação da realidade vivida, mas com características particulares de temporalidade e espacialidade, já que é uma forma que condiciona apenas “na medida em que permite *hibridizações*<sup>12</sup> com outras formas vigentes no real-histórico” (SODRÉ, 2006, p. 21). Em relação a este processo, nos interessa refletir as configurações do *ethos midiaticizado* considerando a multiplicidade cultural e temporal dos sujeitos e a instância midiática como uma mediação que altera as formas de vidas, gerando outras formas, híbridas, mescladas, mestiças, já que somente se realiza num real histórico.

Nessa perspectiva, é importante atentar para a noção de cultura midiática, noção empregada por Mata (1999) para refletir a midiaticização como uma matriz, uma racionalidade produtora e organizadora de sentido. Na acepção da autora, destaca-se “que nem todas essas práticas sociais se midiaticizam de maneira homogênea”, já que “essa capacidade transformadora se revelará em grau desigual e operando distintas alterações, segundo os particulares atores dessas práticas” (MATA, 1999, p. 86) e em razão dos desiguais universos materiais, culturais e políticos em que elas se desenvolvem.

#### **4 Interculturalidade na tessitura da experiência cultural da recepção**

---

<sup>12</sup> García-Canclini desenvolve a noção de hibridação em *Culturas Híbridas* (1998).



Para enfrentar o desafio de investigar configurações identitárias dos públicos, em seus modos de ser e nos entrecruzamentos culturais que constituem os processos comunicacionais, levamos em conta as contribuições de Martín-Barbero que reflete sobre a espessura cultural dos meios, procurando compreendê-la a partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a sua materialidade social e expressividade cultural (MARTÍN-BARBERO, 2003). De forma propositiva à televisão, mas sugestiva a outros objetos pertinentes a análise cultural dos meios, o autor propõe como lugares de mediação, o cotidiano familiar, a temporalidade social, a competência cultural e os gêneros, como mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo, dos formatos e as do sistema de consumo, dos modos de ler e de usar.

Segundo o autor, o peso cultural dos meios ainda deve ser avaliado nas contradições da modernidade latino-americana, nas desproporções entre a sua ocupação no espaço social e a ausência de espaços políticos de expressão e negociação dos conflitos, da não representação no discurso da cultura oficial, da complexidade e diversidade dos mundos da vida e dos modos de sentir das suas gentes.

Nessa perspectiva, nos parece relevante que, para compreender a historicidade dos públicos é necessário traduzir as demandas dos sujeitos e considerar a recepção como *espaço praticado*<sup>13</sup>, evitando uma visão *midia-cêntrica* da cultura, onde tudo o que se possa pensar do cultural será objetado pelo que se passa nos meios. O que se chama públicos constitui uma realidade ampla e multicultural e por isso nas suas configurações históricas exige entender as matrizes culturais como estruturantes dos processos comunicacionais que incluem os meios, mas vão além desses, na sua dimensão tecnológica e mercadológica<sup>14</sup>.

Williams oferece uma noção produtiva para pensar as matrizes culturais como manifestações ativas no processo cultural, considerando as inter-relações complexas entre movimentos e tendências dentro ou além de um domínio específico, abstrato, para evitar, no âmbito da análise histórica, definições estáticas de uma época, ou tanto pior, excluir evidências marginais, incidentais. Portanto, se pensar-se que uma época ou uma cultura apresenta definições sociais próprias, é preciso compreender que na sua dinâmica interna,

---

<sup>13</sup> *Espaço praticado* é uma construção heurística que atenta para a diversidade dos significados do espaço e do tempo (HARVEY, 2002); o espaço construído em torno de fluxos (capital, informação, tecnologia, imagens, sons, símbolos) (CASTELLS, 2002); o espaço como lugar, híbrido, como metáfora do cotidiano (SANTOS, 2004).

<sup>14</sup> Nesse sentido, Bonin (2008) contribui para pensar os públicos através de suas leituras como contornos mais legíveis do *ethos midiaticizado*. É preciso atentar, entre outras dimensões, para as marcas que as estruturas profundas deixam nessa leitura, marcas da experiência vital e social dos grupos (...) a formação de competências midiáticas pelos públicos que se constituem em suas trajetórias de relacionamento com as mídias, em que se pode ver a configuração de *habitus*, assim como de rupturas e deslocamentos a partir dos processos de apropriação dos produtos. (BONIN, 2008, p. 140)



nas suas conexões com o passado e o futuro, exprime características de formas culturais dominantes, residuais ou emergentes.

Segundo o autor, “qualquer cultura inclui elementos disponíveis do seu passado, mas seu lugar no processo cultural contemporâneo é profundamente variável” (WILLIAMS, 1979, p. 125). Nesse sentido, o residual se diferencia do *arcaico* que é totalmente reconhecido como algo do passado, podendo ser revivido, sendo que o *residual*, efetivamente formado no passado, ainda está ativo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como elemento do presente. O residual tanto pode ter um sentido oposto, alternativo à cultura dominante, como pode ser parte ativa da mesma. Já o emergente diz respeito aos tipos de relações que estão continuamente sendo criadas, e por isso mesmo, de difícil distinção no processo cultural como um todo.

As relações e as forças entre essas diferentes formas culturais são importantes para compreender as matrizes culturais desde uma perspectiva dos produtos gerados pelas indústrias culturais, bem como nos grupos étnicos, desde as hibridações entre matrizes culturais de longa duração com referentes diversos potencializados pelos processos de globalização e nas relações com as mídias. Nessa perspectiva pode se entender que as matrizes culturais ativam o senso de continuidade entre passado e presente, construindo o sentido na cadeia da temporalidade atual<sup>15</sup>.

No conjunto dessas reflexões, as problemáticas da comunicação levam a pensar o lugar das mídias e das culturas humanas a partir de um lugar estratégico (MALDONADO, 2002) que se produz como território de hegemonia audiovisual, cujas relações e conexões forma uma *semiosfera*, ambiência que se torna familiar pela repetição, pelos formatos, pelos gêneros e pelas imagens e acontecimentos que aparecem e desaparecem com a velocidade imposta pela economia informativa dos meios (MARTÍN-BARBERO, 2006).

A inserção das diferentes culturas nessa ambiência ainda servirá para refletir a mídia como uma instituição onipresente e articuladora de um mundo sistêmico, onde emerge o *príncipe eletrônico*, “uma figura que impregna a atividade e o imaginário de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, nações e nacionalidades, em todo o mundo” (IANNI, 2003, p. 161). Tal figura compõe os enigmas da modernidade-mundo e se faz instigante para indagar os lugares dos sujeitos inseridos nos processos midiáticos, já que, “simultaneamente, por dentro e por fora da sociedade informática, virtual e sideral, são

---

<sup>15</sup> A perspectiva de Williams tem por base o processo cultural na sua dimensão histórica. Definir os elementos do residual e do emergente é um meio de compreender o dominante, sendo que “nenhuma cultura dominante [...] inclui ou esgota toda a prática humana [...]” (WILLIAMS, 1979, p. 128).

muitos [...] que continuam situados, enraizados territorializados, geohistóricos [...] empenhados em juntar e desconjuntar o passado e o presente, a biografia e a história” (IANNI, 2003, p. 161).

### **Breves considerações finais**

Para finalizar gostaríamos de lembrar que as reflexões aqui apresentadas integram pesquisa exploratória que estamos realizando, para a qual nos valem de observações preliminares, da re-visitação de pesquisas anteriores e, evidentemente, do aporte de outros autores e pesquisas solicitados pela problemática (no campo da comunicação COGO, 2010; LACERDA, 2010, entre outros) e pela trilha metodológica que procura aprofundar a confluência entre a recepção e a história oral (THOMPSON, 1992; POLLACK, 1992; PEREIRA, 2011) da antropologia (GEERTZ, 1978), entre outros campos afins.

Dada a ordem social hegemônica e, ao mesmo tempo, o crescimento das organizações indígenas, entendemos que é importante indagar sobre a visibilidade dos grupos étnicos, atentando para a configuração das identidades ameríndias no espaço comunicativo, considerando que este é marcado por uma ambiência em que as mídias têm uma ação relevante, e procurando compreender como essa ambiência, em largo tempo, se configura na história de vida comunicacional dos sujeitos.

No percurso dessas reflexões, também procuramos levar em conta sinais de uma cidadania comunicativa, no espaço do que tem se discutido como uma esfera pública em construção, os quais demarcam conflitos e tensão entre setores dotados de poder e excluídos dele, e também os contextos em que as lógicas do mercado e a mundialização da cultura tendem a diluir as diferenças culturais ou a reduzi-las em um conjunto de imagens fragmentadas, sem abranger as dimensões políticas e econômicas que a diversidade histórica reclama.

### **REFERÊNCIAS**

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DA REGIÃO SUL – **Arpin Sul**.  
[www.arpinsul.org.br](http://www.arpinsul.org.br)

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia a linguagem**: estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS BICALHO, P.S. **Protagonismo Indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de História (ICH) Universidade de Brasília. Brasília. 468 f.

BONIN, Jiani A. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: BONIN, Jiani Adriana; MALDONADO, Alberto Efendy; ROSÁRIO, Nísia Martins do (org). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2 São Paulo: Paz e Terra, 2002

CERTEAU, Michel de. Artes do fazer. 1. In: **A invenção do cotidiano**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

COGO, Denise ; BRIGNOL, L. D. . Redes sociais e os estudos de recepção na internet. In: XIX Encontro Anual da Compós- Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010, Rio de Janeiro. **XIX Encontro Anual da Compós**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. v. 1. p. 1-15.

FORD, Aníbal. **Navegações**: comunicação, cultura e crise. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

GARCÍA-CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LACERDA, J.S. El proceso de digitalización y la Sociedad de la Información. In: PEREIRA VALAREZO, Alberto.; MALDONADO, Alberto E.. (Org.). La investigación de comunicación en América Latina. 1ed. Quito-Ecuador: Fondo Editorial FACSO-UCE, 2010, v. , p. 147-168.

MALDONADO, Alberto Efendy. Multiculturalismo na América Latina. Confluências e conflitos no espaço televisivo regional. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 7, n. 3, set/dez, 2005. Unisinos. p. 165- 174

\_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, n. 9, ano IV, 2002. Disponível em:<[www.uff.br/ciberlegenda](http://www.uff.br/ciberlegenda)>. Acesso em: 20 nov. 2009

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis. (org.). **Sociedade midiaticizada.** Mauad, 2006.

MATA, Maria Cristina. De la cultura massiva a la cultura mediática. In: **Diálogos de la Comunicación**, Lima n. 50, 1999.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais.** 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo (10) dezembro, 1993.

PEREIRA, C. R. A. Narrativas identitárias Kaingang: apontamentos sobre o uso da história oral na pesquisa em comunicação. Apresentação de Trabalho no GT Identidades Coletivas ou Regionais. **VI Encontro Regional Sul de História Oral - Narrativas, Fronteiras e Identidades.** Pelotas: UFPel, 2011.

\_\_\_\_\_. **Processos Comunicacionais Kaingang: configurações e sentidos da identidade cultural, memória e mídia em perspectiva histórica** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação Unisinos. São Leopoldo, RS, 2010. 274 f.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-12.

RENESSE, Nicodeme. **Perspectivas indígenas sobre e na internet: ensaio regressivo sobre o uso da comunicação em grupos ameríndios do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social USP. São Paulo, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVERSTONE, Roger. Mediação. In: **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización.** Diálogos de la comunicación. Lima: FELAFACS, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

